



N.º 388 Sr.^{as} D. Rosa Ferreira, D. Tereza Dias Canedo e D. Clementina Alves Pereira, organizadoras da brilhante festa de recepção, em casa do digno consul da Noruega no Porto, aos officias da canhoneira «Fritthojf» (Cliché. Bini) Lisboa, 28 de Julho de 1913

Director e Proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA
 Editor: JOSÉ JOBERT CHAVES
 Redacção, Administração, Offic. Com-
 posição e Impressão—RUA DO SÉCULO, 43

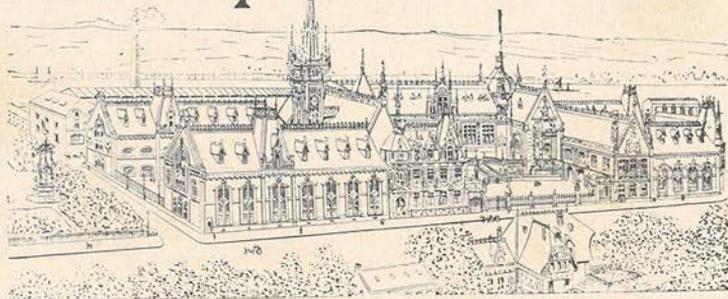
Ilustração
 PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL
 DO JORNAL
 O SÉCULO

ASSINATURA PARA:

Portugal, colónias por- tuguezas e a Hespanha	Ano.....	4850
	Semestre	2840
	Trimestre	1820

Fécamp La Bénédictine



Vista geral dos estabelecimentos de La Bénédictine

A origem primeira do **“Grande Licor Francês”** remonta à epocha da Renascença. Foi, com effeito, em 1510 que elle foi INVENTADO pelo monge beneditino Vincelli. Grandes festas acabam de realizar-se em Fécamp para celebrar as bodas de ouro da renovação, por M. Le Grand, do antigo licor.

1510



1863

M.^o MARCEL LE GRAND
Director geral



M.^o PIERRE LE GRAND
Engenheiro-Director tecnico

1913



M.^o EUGÈNE LE GRAND
Sub-Director

(Clichés Watéry)



CABELOS FORTES, ABUNDANTES LIMPOS E SEDOSOS
CINCOENTA ANOS DE CREDITO BEM JUSTIFICADO PERMITE AFIRMAR QUE O

Tonico Amarello com sello **Viteri**

Preparado desde 1882 pela PHARMACIA BARRETO. — Suspense a queda de cabelo, promove o crescimento, dá-lhe flexibilidade e desengorja-o, facilitando o penteado das senhoras. Regenera a cõr primitiva. Tira a caspa e limpa a cabeça de todas as substancias nocivas ao cabelo. Impede a calvice, conserva os frisos e ondedos. Não contém enxofre. Frasco 700 réis. Para fóra de Lisboa mais 100 réis para porte e reagiao. Depósito geral

VICENTE RIBEIRO & C.ª - 84, R. Fanqueiros, 1.ª - LISBOA

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

CAPITAL:

Ações.....	360.000\$000
Utilização.....	383.910\$000
Fundos de reserva e amortização.....	396.400\$000
Total.....	850.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Mariauaia e Soboleirinho (Tomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale-Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção actual de seis milhões de kilos de papel e disposto dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papets de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de firma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é tornecedora exclusiva das mais importantes companhias e emp ezas nacionaes. — **Escritorios e depósitos:** 370, RUA DA PRINCEZA, 376, LISBOA.—19, RUA DE PASSOS MANOEL, 51, PORTO.—End. teleg. em Lisboa e Porto: *Companhia Prado*. Numero telefonico: LISBOA, 68.—PORTO, 17.

PARA ENCADERNAR A Ilustração Portuguesa

ja estão a venda bonitas capas em percaline de fantasia para encadernar o **segundo semestre de 1912** da *Ilustração Portuguesa*.

DESENHO DE OTIMO EFEITO
Preço 360 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-m-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pode ser remetida em vale do correio ou selos em carta registada. Cada capa vai acompanhada do indice e frontispicio respectivo.

Administração d'O SEculo—Rua do Seculo, 43, LISBOA

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE E FISIONOMISTA DA EUROPA

Madame BROUILLARD

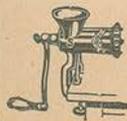


Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Fello estudo que fez das ciencias, quimicas, chronologia e fisiologia e pelas applicações practicas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenhigny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do império e todos os accntecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanol. Dã consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—LISBOA. Consultas a 18000 rs., 28500 e 58000.

ALEXANDERWERK

MAQUINAS E UTENSILIOS DOMESTICOS

PARA CASA E COSINHA



Maquinas para picar carne e legumes, Sorvetelras, Balanças domesticas e para pesar pessoas, Raladores para amendoas e pão, Molinos para café, Prensas para extratos, fruta e limes, Maquinas para limpar facas, etc. Prensas para copiar, de ferro fundido ou forjado. **ALEXANDERWERK, A. von der Nahmer, Soc. An. Remscheid (ALEMANHA)** (200 operarios e empregados)

A' venda em todas as boas lojas de ferragens e utensilios domesticos
Representante: F. ISSEL—LISBOA



Seculo Comico

Semanario alegre proprio para a leitura em familia

Em todos os numeros

CONTOS COMICOS, CARICATUIRAS, VERSOS ALEGRES, ETC., ETC.

Atualmente

CONCURSO DOS NOIVOS

COM mais de 1.000 premios

Agencia d'O SECULO em Paris

8, RUE DES CAPUCINES, 8

Telefone ——— ASCENSOR

Salão de leitura — Escritório de informações — Serviços de publicidade
Viagens — Propaganda — Teatros

Na sua agencia de Paris, o *Seculo* tem, minuciosa e es-
crupulosamente organizado, um serviço completo de infor-
mações para ser útil não apenas aos portuguezes e brazilei-
ros que visitam a França, mas a todos os nossos comercian-
tes e industriaes que procurem divulgar no estrangeiro os
seus productos e a todos os comerciantes e industriaes fran-
cezes a quem a propaganda no nosso paiz ou no Brazil pos-
sa convir. Dirigindo-se á nossa agencia, os portuguezes e
brazileiros de passagem em Paris encontrarão o meio mais
economico e mais comodo de se instalar em hoteis confor-
taveis pelos preços mais modicos, em frequentar os teatros,
em fazer excursões, em comprar nos melhores estabelec-
mentos em condições excepcionalmente vantajosas, dadas as
reduções de preços que conseguimos obter-lhes. Pelo que
diz respeito ao publico francez, ele encontrará na nossa
casa parisiense todas as informações que possa desejar so-
bre o nosso paiz, todas as facilidades para se pôr em rela-
ções com ele e ainda o ensejo de apreciar as obras primas
das nossas artes e das nossas industrias em exposições que
é nossa intenção organizar.

A agencia do *Seculo* em Paris está instalada na Rue des
Capucines, entre a Rue de la Paix e os grandes *boulevards*, a
dois paesos da Place Vendôme, a alguns minutos da Opera,
no bairro de maior movimento de Paris, na visinhança dos
grandes creadores da Moda, dos joalheiros mais celebres
do mundo, dos grandes hoteis, restaurantes, casas de chá,
do *rendez-vous* obrigado de todo o Paris elegante e de todo o
estrangeiro, no centro de toda a vida mundana e comercial
parisiense.

Informações por carta Organização de orçamentos de viagens
Estabelecimento de relações commerciaes

DIRETOR ——— PAULO OSORIO
DA AGENCIA

Endereço telegrafico — SECULO-PARIS

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

CRONICA

N.º 398

28-7-1913

A-COROA DO REI FERNANDO:

Na noite gloriosa em que Andrinopla caiu em poder dos bulgaros, o czar Fernando, depois de agradecer a Deus, na basilica de Sofia, o triunfo dos seus exercitos, desceu ao tesouro real. O sonho da hegemonia balkanica appareceu-lhe como o principio d'uma realidade. Viu-se rei d'uma Prussia nova, imperador d'uma nova Germania. Alemão *fainéant* arrancado pela fortuna a uma pagina esquecida do almanaque de Gotha,—julgou-se já hombro a hombro de Guilherme II na ambição paralela d'uma pan-bulgaria. E olhando, sobre um coxim de veludo amarelo, a velha co-



no *Comptoir d'Es-compte*, realisoou na ultima semana uma importante operacão financeira: o resgate das 72.718 obrigacões da Companhia dos caminhos

rõa dos reis bulgaros, o czar Fernando viu-a, no seu delirio, maior do que ela era: viu-a erguer-se, ampliar-se, triplicar em thiaira, crescer-lhe no timbre um mundo; já não era a corõa barbara d'um pequeno rei balkanico,—era a corõa magnifica d'um basileus bisantino, uma corõa imperial faiscando no ouro sagrado das joias hieraticas, a corõa de Nicephoro Phocas, a corõa de Carlos V, a corõa de Napoleão... O sonho durou ainda dois longos mezes. Hoje, o principe alemão que o acaso atirou para uma realeza episodica, deve estar convencido de que a corõa dos reis bulgaros, pequena como realmente é,—ainda era grande de mais para a sua cabeça.

MOVIMENTOS REVOLUCIONARIOS:

Os acontecimentos do dia 19 estavam na logica de todas as previsões,—e não deve ser



excessivamente difficil determinar-lhes a genealogia. Ha sempre elementos revolucionarios que as revoluções triumfantes não podem aproveitar, porque não têm condições que

lhes permitam ser uteis a qualquer regimen estavel e sério. São elementos fundamentalmente destrutivos, incapazes de servir uma obra de reconstrução e de ordem. São a formiga branca dos regimens constituídos. Serviram hontem a republica contra a monarchia; servirão amanhã a monarchia contra a republica,—porque servem, indifferentemente, todos os ideaes na sua fase demolidora. São o braço; são a convulsão epileptoide que as revoluções utilizam. A sua função é destruir. E quando as instituições vitoriosas se estabelecem e fortalecem,—eles, incapazes de adaptar-se e coerentes com a sua função, destroem-se a si proprios.

AS 72 MIL VIRGENS:

O governo, pagando 21 milhões de francos

de Ferro, que são ouro, e que serviram de garantia ao empréstimo negociado em outubro de 1909. O facto, sendo a expressão inconsciente da melhora da nossa situação financeira, tem, além d'isso, uma significacão moral que é necessario acentuar. No tempo de D. João V, já certo desembargador velho chamava a Portugal um «morgado arruinado». Estamos precisamente nas condições honrosas dos morgados arruinados que decidiram regenerar-se: começamos a desempenhar-nos.

O CONDE DE MONSARAZ:

«*Artistes, fuyez la place publique!*»—disse um dia o illustre Nietzsche. O poeta que a litteratura portugueza acaba de perder,—e de ganhar para a sua gloria, era um d'esses grandes isolados da Arte, que vivem longe de todo o contacto com a multidão, e para quem, como para Aurelien School, «*la popularité, etait une souillure*». Refugiado na sua propria aristocracia intelectual, não precisou de transigrir para ir ao encontro da notoriedade: foi ella que o procurou. O melhor da sua obra hão de conservar-o as antologias, como n'um triptico admiravel: entre a doce figurinha quinhentista de Catarina de Atayde e os hombros nus da arquiduezza das *Receções da Embaixada*,—a grande charneca alemtejana batida do sol, onde passam manchas coloridas de cigamos e onde o saióto vermelho das mondadeiras pinta de sangue o ouro dos pestolhos.

JULIO DANTAS.



Illustrações de Manuel Gustavo.



A MORTE DO GIGANTE

Uma das rodas da azenha, cansada de trabalhar, de voitar dias e anos, impelindo o grosso eixo de carvalho, batida pela água, roída pelos vermes, começou a andar, mal, tropega, como em arrancos, gemendo muito.

A terapêutica do moleiro, mais um prego de um lado, ma's uma cunha do outro, um gato d'aqui, um remendo d'acólá, lá a iam fazendo viver melhor, peor, conforme Deus era servido, debaixo do jorro d'água da calha, impetuoso, brutal. O mal da velhice é dos que não tem cura; e, a pobre tanto, gemeu, tanto volteou, já doente, que n'uma noite, exausta, n'um ultimo gemido, tombou para o lado e desconjuntou-se de todo.

Zé Mateus, o velho moleiro, á paragem da mó, correu fóra; e, ao vê-la n'aquele estado, ficou-se a olhá-la, mudo, apreensivo, a pensar, vagamente, sem sabêr em quê. Dominava-o uma impressão dolorosa, o que quer que fosse parecido com o desgosto de contemplar o cadaver d'um amigo, d'um companheiro com quem se trabalhou largos anos, ao lado do qual se passaram longos dias e noites de aspera vida.

Coitada! estava velha, estava. Tinha vinte anos. Vinte anos de trabalhos forçados, empurrada pela água, com um coração impellido pelo sangue, a dar vida ás mós, ás pedradas rodeiras. Quantas ela tinha gasto, fazendo-as girar sobre o grão, adelgacando-as, tornando-as leves, inúteis. Chegara-lhe a vez. Estava sem concerto, escangalhada, morta! Estes pensamentos passavam pela cabeça do moleiro em quanto olhava os destroços da roda, lascados, mostrando a podridão íntima da madeira. Olhou, olhou, até que, de repente, inclinou a cabeça para o lado em que levantara o hom-

bro, bruscamente, como a dizer: bem; não tem remédio, é fazer outra.

F No outro dia, mal aclarava o céu, o moleiro entrava com dois homens pelo pinhal dentro. Eram dois rapagões corados, robustos, desembaraçados. Vestiam camisolas de algodão sem mangas, umas bragas brancas até ao joelho, chapéus largos de palha. Nos braços e pernas, cabeludos, tufavam em relevo alto, os musculos poderosos. Eram os serradores. Um pouco atraz, com uma vara e uma fita metrica n'uma das mãos e na outra um martelo e um compasso, ia o mestre Carvalho, o carpinteiro. Andavam de cabeça no ar, olhando as arvores. A's vezes paravam deante de um pinheiro mais grosso. O mestre Carvalho aproximava-se, media-lhe a altura com a vista e dizia: na grossura talvez dêsse; mas é torto de mais. E, este era delgado, aquele nodoso, aquele baixo... Até que, de repente, n'uma aberta, sobre o cabeço fronteiro, apareceu tapando o céu em toda a extensão da garganta, alto como um campanário, magestoso como um rei Normando, o pinheiro dos Afonsos.

Era um velho colosso. O pé enorme, arrancava do chão, negro e rugoso, tão grosso que seis homens o abraçariam mal. Ali por vinte metros ao alto, n'um bracejar convulso, os troncos, arreatadamente, como enormes varetas d'um guarda-sol fabuloso, erguiam-se, sustentando a calote da côma, zimborio imenso feito de agulhas de veludo enfiando esmeraldas. A' sua sombra, nas calmarias do verão, nos temporaes do inverno, abrigavam-se familias inteiras, rebanhos de carneiros, de bois, carros e charras. Era celebre. Conheciam-lhe o abrigo os ranchos de cigangagem desle lon-



ges terras de Hespanha, demandando feiras. Ao sopé, lembrava uma abobada manuelina de cômo, feita por titãs, sustida pelo bracejamento poderoso dos troncos, simulando nervuras. Tinha o que quer que fosse d'um templo: a luz suave coada pelas ramarias e enchia-o um vago murmúrio do vento, lamento de órgão distante, fermento de prece.

Crêr-se-hia um anti-diluviano, um exemplar das primitivas florestas, esquecido na terra, capricho das edades, sentinela dos seculos!

E... depois de esquadriharem, por aqui por ali, os homens pararam deante d'ele, olhando-o n'uma perplexidade de criminosos. «Nada, dizia o mestre Carvalho, que sirva, a valer, não ha senão este. Dá o eixo novo, dá as calhas, dá o carrêto, dá tudo. O moleiro, consultado com os olhares aprovou. O centenario foi condenado á morte! Os serradores, cuspiram nas mãos, levantaram os machados, e começaram valentemente, golpeando o tronco. O primeiro, o segundo, o centessimo golpe, não alterou a firmeza do colosso, nem pertur-

O que ele não tinha visto!

A meia legua, ao sul, passa a velha e larga estrada romana, ladeada de piteiras altas, d'entre as quaes se ergue, aqui e além, um soberbo marco miliar. Estrada de Lisboa, estrada de viagens, estrada de invasões... Um dia, já longe... Era em fins de maio. Havia rosas pelos cômos; as amendoeiras debruçavam-se, como noivas, pelas encostas; o alegre-campos embalsamava os valados em inflorescencias de brinços. Afagava a aragem como uma caricia feminina; convalescente, o Sol doirava as cearas; as relvas novas, d'um verde tenro forravam os montes; pelos vales, acompanhando o rir nervoso dos rios, os rouxinoes cantavam.

Então, pela estrada, a uma chusma de cavaleiros, de longas casacas agaloadas, de grandes tricorones, surgiu, no alto dos moinhos, em forma, n'uma marcha, grave, lenta, imponente. Atraz, reverberando ao sol, em reflexos d'ouro, seguia um coche suntuoso, puxado por parelhas de soberbos urcos balouçando como um berço. Atravez dos



bou a imobilidade absoluta da sua cabeça de bronze. Impavido, alheio, espreitava por sobre a floresta as chaminés fumegantes dos casaes longiquos, os rebanhos que beijavam as estevas dos montes e o sol que levantava a cabeça por detraz dos pincares da serra. N'este momento, mais que pela centessima vez, a cabeça prateada pelos orvalhos, o senhor da floresta recebia o cumprimento dos pequenos, dos novos, que ramalhavam em baixo, como n'um murmúrio de saudações, de «bons dias, avô». Era bem o Senhor, o patriarca, n'aquela familia da natureza em que vivia. Ninguém dos que conhecera, em novo, lhe passava ao lado, ou lhe dormia á sombra. Dos homens que o tinham olhado na mocidade, d'esses, eram os netos dos netos os que passavam por ele, e alquebrados, já e velhos. Conhecera-lhes as mães e as avós das avós, vivas como cordeiros, lindas como aves selvagens, alegres como cotovias. Tinha-as visto crescerem, amarem, terem filhos, envelhecem e desaparecerem para sempre! Pelos montes quantos casaes novos, quantos desaparecidos pelo fogo, pela guerra. Tinha visto povoarem-se e despovoarem-se os montes de arvoredos, sucederem-se os usos, os costumes, os fatos, as cantigas, os bailados! Tinha parado, dormido, á sua sombra, os campones cançados da enxada, os soldados estopiados das guerras; tinham-se beijado os amantes, tinham dançado os noivados. No seu silencio augusto, escutara as musicas dos beijos pelas edades fóra e os concilios lugubres dos crimes pelas noites dentro!

cristaes das portinholas, via-se, reclinada em coxins, a cabeça empoada d'um altivo senhór, emergindo d'uma enorme cabeleira, o corpo movendo-se entre minúsculos relampagos de sedas e de ouros.

N'uma fila de berlindas, em cavalos, ricamente ajaezados, seguiam-no damas, fidalgos, pessoal deslumbrante de côrte. Atraz, caminhavam réguas de cavalos e mulas, á mão da creadagem innumera.

Surdiam das azinhagas, de cruz alçada, os priores das aldeias, a saudar o Senhor que passava distribuindo opiparas esmolos. O povo corria dos montes, joelhava na terra ao vê-lo, como se passasse um Deus. Era el-rei, o Senhor D. João V que ia para as Caldas. Corridas, saudações, repetiam-se na volta. E, os anos passavam serenos sem vêr mais do que a luta dos camponezes a desbravarem a terra, os casamentos que, entre estoiros de foguetes, subiam ás freguezias, ou as tumbas negras dos mortos que, entre lagrimas, desciam ás covas. Mas, um dia, de subito, tornou-se o ar, rugiram as entranhas da terra, oscillaram os montes, fenderam-se as varzeas, redomolhamaram as aves aterradas, esboraoraram-se os campanarios, achataram-se os casaes. Uivaram os cães nos cerrados e os lobos nos covis. Desvairadas, as mulheres saiam das cascas, os braços erguidos para o céu, a gritarem. Misericordia, Senhor, Misericordia!, e corriam, (depois para as igrejas, arrastando os filhos, em saltos choros de terrór, desgrenhadas, palidas! Como nas dôres de

um parvo, o dia inteiro, a terra arquejou em arrepios de febre. E, pela noite, para o Sul, que medo enorme! as nuvens pelo céu, choravam sangue, rolando como ondas. Era Lisboa que, desmembrada pelo terremoto, se esborrava entre a fumaraia negra dos incendios!

O que ele não tinha visto!

Poucos anos depois... fins de Novembro, por invernia asperas, na estrada real, ouvem-se toques de clarins, rufos de tambores. Um homem, a cavallo, aparece, envolto em ampla capa, na cabeça um bicorne emplumado, caído para os olhos, longa espada curva, botas altas, esporas d'ouro. Ladeia-o e segue-o um reles estado maior, e, uma hora, a confusa de soldados, descalços, róticos, emagrecidos. E' Junot que corre para Lisboa, no encaicho, a prender o rei. Chega tarde; mas d'ali a dias, regimentos francezes apparecem pelas freguezias e roubam e matam e violam e assassinaem. Ninguem está seguro. Devastam-se as cearas, queimam-se as arvores, dizem-se os rebanhos. Um côro de maguas e de dôres acompanha o gemer lugubre dos pinhaes. Pelo escuro da noite, um tiro isolado significa o baquear d'um bandido fardado, ás ordens do côro. Desertam-se as terras, povoam-se os alcantãs, as covas, as furnas, os matos altos.

Ninguem tem casa, ninguem tem lar, ninguem tem patria. E foi assim, por mezes, até que um

caminho da fuga. Cada granja é um mar de fogo; cada fabrica, cada palacio, cada templo, uma fornalha vomitando chamas. Comem-se os cães, as raizes, as ervas.

Passou Att la assolando a Terra: caíram as sebes dos jardins, caíram os muros das fortalezas, caiu Deus dos altares!

O que ele não tinha visto!

Mas... Os pequenos animaes de pernas e braços nus continuam, rodeando-o, a ferir implacavelmente o magestoso pinheiro.

A cada golpe, as lascas da epiderme saltam em rapidas voltas e, na derme, como beijos abertos, as feridas escorrem a seiva branca, onde ha laivos de sangue. De um lado e d'outro avançam contra a medula os gumes afiados, em mordeduras fundas. Suam os homens, gemem os ecos. No plano inclinado do côrte, os circulos dos anos apparecem, apertando-se, avermelhando-se, mais delicados, mais rjos.

Uma cunha de poucos palmos liga á terra o tronco colossal. No entanto, impertubavel, firme, o centenario ergue a sua cabeça n'uma magestade olimpica. De subito, porém, pareceu agitar-se n'um arripio o corpo do monstro. Passara um sopro do norte, arreganhando a côma. Os homens largaram os machados e fugiram. O heroe oscilára. Fez-se o silencio de anciedade e do mêdo. Uma



dia, do lado do mar, rugiram os canhões e a horda invasora foi expulsa.

Por pouco durou a paz. Vinte mezes depois correu, de povo em povo, de monte em monte, um grito:—os francezes! os francezes! Um terrôr feito de mil melos abalou todos os corações, paralisou todas as almas. Era de novo a guerra, era de novo a fome, era de novo a peste. Fugiam, fôra a ordem terminante e todos fugiam. Pela estrada Romana os esquadrones de Wellington marchavam, apressadamente, para as linhas. Atraz veem os francezes de Massena. Fugiam todos, queimam as cearas, matem os rebanhos, derramem o azeite, arrombem os toneis de vinho, escondam as joias e fugiam... não ha outro remedio, é fugir! As gentes abandonaram os casaes, correndo pelos caminhos, direitos á estrada. Por esta, enormes caravanas, umas apoz outras, caminhavam entre nuvens de pó. Creanças e velhos, sobre grandes trouxas de roupa, levadas por cavalos, mulas, burros, acoravam-se com um ar imbecil. Sobre carros de bois amontoavam-se caixões, baús, arcas, fatos, roupas, loiças. Sem azeite nos eixos, os carros chiavam, atirando pelos vales e montes um aviso de fuga, cheio de agonia, vozes de espanto e de terrores. Atraz, caminhava a multidão confusa, de gentes desvaíradas, a pé, arrastando-se, homens, mulheres, andrajosos, de mistura com frades, freiras, donas, mendigos, ladrões, assassinos, parando aqui, descansando acolá, cheios de fome, de febre, os pés em sangue, bebendo agua pelas poças, uns arrastando os outros, para não caírem exaustos sobre o chão, a braços com a agonia, a braços com a morte. Exodo sinistro d'um povo, deixando os lares, entre vozes de raiva e desespero, marcando a passagem na terra com um rasto miserando de moribundos e de cadaveres! Repellido, o francez voltou em breve. A raiva, a vingança, furas do inferno, abrem-lhe o

lufada mais forte passou. Coisa espantosa: vê-se a cabeça obedecer ao vento, rompem estalidos—dir-se-ia um chôrro—, ecôa um estalo fundo—dir-se-ia um grito—, abrem-se os troncos como braços a procurarem amparo, inclina-se o monstro e... n'um trovão de gritos, de ecos, feitos de ramos que se rasgam, de hastes que estalam, de galhos que partem, de troncos que racham, despenha-se, n'um rugido, estatela-se no chão, tremendo a terra! Uma ou outra vez, a côma enorme balançou, como um pulmão a abr'r-se, soffregio de ar; depois, quedou-se. Tinha morrido o monstro!

Ao vel-o no chão, os pequenos animaes de pernas e braços nus começaram a desarticular-lhe os braços; depois, sobre o dorso, arrancavam-lhe a casca em largas fitas resinosas a deixarem-no nu e branco como um cadaver que se lavou para meter na cova.

O pequeno trecho da floresta ficou como uma cathedra a quem tirassem a torre: amesquinhou-se. A paisagem orgulhosa sumiu-se. As nuvens não encontraram mais o seu velho pente; o milhafre o velho abrigo; o vento crepuscular a velha harpa.

N'essa noite, o casal de corvos que o habitava havia mais de cem anos, ao chegar em busca do ninho, deu com o morto!

Alvorocou o bosque, crucitando, em pios, em gritos, rodopiando feroz de raiva e de saudade. Depois levantou o vôo e foi-se, pela lezíria fôra, a gritar, a chorar...! No amplo terreiro, inanimado e rigidio, o velho pinheiro esfria, emquanto a Lua, erguendo-se, procura iluminando o cêro, o corpo do velho marco que tanta vez a guiara na viagem periodica, pelos alcantãs da terra. Não o verá, nunca mais!

O Zé Mateus teve uma azenha nova.

MARCELINO MESQUITA.



Infangível

No vôo em que me elevo a procurar-te
Mergulho no infinito, e até parece
Que um murmúrio de cântico e de prece
Me embalae vae comigo em toda a parte...

E toda a sombra má desaparece,
E toda a luz é para iluminar-te,
A musica de Deus para cantar-te,
Por ti se enflora a terra e o sol aquece...

Por ti, que enches o mundo e não te vejo,
Ona incorporata e halito disperso,
Nuvem de sonho e fogo de desejo!

Por ti, que, diluída no universo,
E's o dulcor que encontro em cada beijo,
A harmonia que busco em cada verso.

Loulé.

CANDIDO GUERREIRO.

Segunda composição premiada no Concurso de Sonetos de Amôr da «Ilustração Portuguesa».

STUART.



578 que recolheu ao hospital. Entretanto outros grupos rodeavam os quartéis de artilharia 1, infantaria 5, engenharia e marinha tendo-se introduzido n'este ultimo um paisano fardado de marinheiro ao que parece com a intenção de revolucionar as praças mas sendo reconhecido e preso, ao passo que n'ou-



O soldado da Guarda Republicana João Raimundo, que estava de sentinela no posto das Janelas Verdes e que foi alvejado a tiro falecendo no hospital.

espavoridos diante do fracasso da sua tentativa. O guarda João Raimundo faleceu no hospital da Estrela.

Efeturam-se numerosas prisões d'elementos avançados tendo-se feito tambem sucessivas rusgas e sendo os presos distribuidos por varias esquadras e quartéis da guarda republicana.



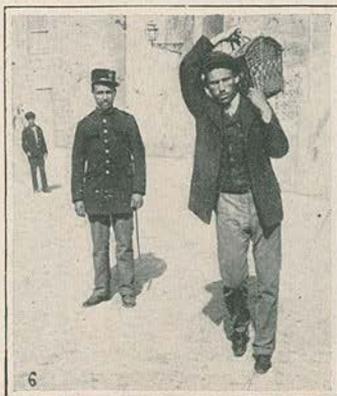
1. O policia 578 que foi ferido quando ia dentro do automovel conduzindo os presos—2. O sr. José Gonçalves Aleixo ferido na rua Augusta.—4. Manuel da Conceição Afonso, um dos presos no largo de Santa Marinha.



O sitio do largo de Santa Marinha onde rebentaram as bombas

tras partes, como em artilharia e engenharia, eram agarrados varios individuos e detidos como seus cumplices. No quartel de Campolide, foram presos alguns sargentos e cabos.

O guarda republicano João Raimundo que estava de sentinela no Museu das Janelas Verdes foi tambem ferido a tiro de pistola por tres individuos que passavam diante do posto onde buscavam introduzir-se ao que o soldado procurou obstar á coronhada. Eram assaltantes do quartel de marinha que fugiram



O cabaz das bombas conduzido para a esquadra

No dia seguinte varios individuos appareceram a depositar no governo civil bombas explosivas que tinham em seti poder desde os preparativos da revolução e o serralheiro Narciso dos Santos, estabelecido na travessa da Palha, ficou com a mão direita decepada quando buscava descarregar um d'esses engenhos sendo encontrado outros entre a sucata da sua officina.

Varios grupos civis reuniram-se na quinta do Machado, no Caminho de Baixo da Penha, dizendo-se que tinham



1. A prisão de Antonio Santos Moita e Manuel d'Oliveira operários da oficina do serralheiro Narciso dos Santos onde se deu

ali abandonado deza- seis bombas ao pre- sentirem a aproxima- ção da policia, na tarde de segunda-feira, 21, mas não encontrando ali cousa alguma a au- toridade. Eram perto de cem os homens que ali se juntavam se- gundo as declarações de quem os viu.

Passaram-se buscas a varias casas com o fim de descobrir



a explosão da bomba—2. A prisão de Joaquim Antunes e Joaquim de Carvalho operários da mesma officina

bombas e documen- tos relativos aos acontecimentos que de ha muito estavam prepara- dos, e de que o go- verno suspeitava.

Em diversos locais foram abandonados explosivos que deram entrada no Arsenal do Exercito, concluindo assim esse movimento que alarmou durante algumas horas a capital.



3



3. O serralheiro Narciso dos Santos depois de receber curativo no hospital de S. José — 4. Depois da explosão: o povo diante da oficina da travessa da Palha—(Clichés de Benoliel)

teatro grego em Roma

As reconstruções do teatro clássico grego que ultimamente, depois de varias tentativas mais ou menos felizes, acabam de se realizar em Roma, no *Stadio National*, uma especie de grande circo ao ar livre, tiveram assinalado sucesso.

A tragedia escolhida foi *As Bacantes*, do imortal poeta e filosofo Euripedes.

O interesse do publico, que por completo enchia as enormes escadarias que, dispostas em anfiteatro, guarnecem o *Stadio*, assumiu taes proporções que os retardatarios a tomarem os seus logares receberam manifestações de desgardo! Familias inteiras compareceram, cheias de curiosidade, no *Stadio*, porque o divino Euripedes, gra-

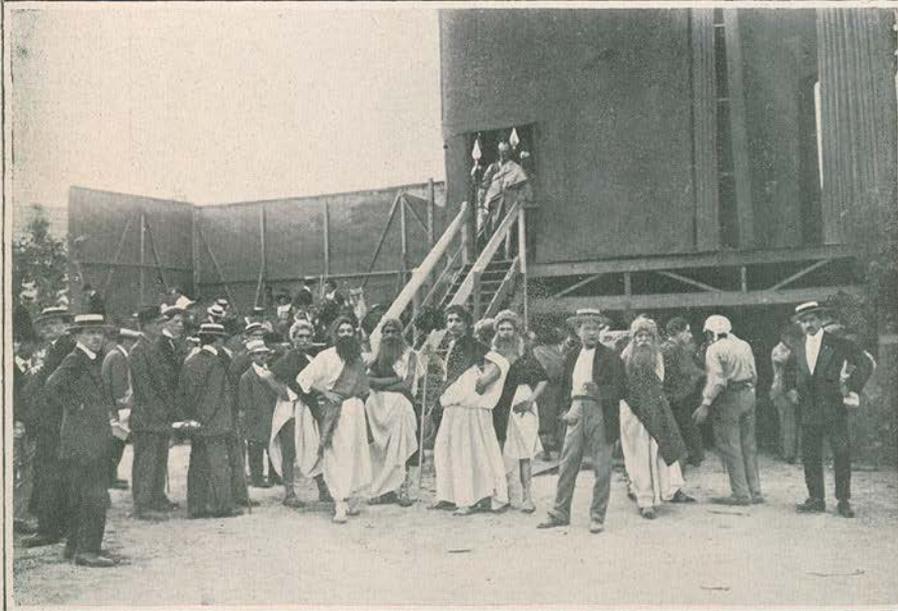


Uma cena das *Bacantes* em que Agave se mostra vitoriosa exibindo o cabelo ensanguentado de seu filho

ças a uma intelligente e sistematica propaganda da imprensa e em seguida aos seus ruidosos triunfos de Milão, Padoa, etc., surgiu em Italia—o autor dramatico... da moda!

O grande publico anonimo sofreu, é de-

ver nosso constatal-o, uma certa desilusão: esperava *outra coisa*; e, assim, houve alguns espêctadores —o que aliás era de prevê— que se retiraram do *Stadio* antes de se chegar á espantosa catastrophe que a admiravel tragedia encerra e de ouvirem a soberba e empolgante narrativa de *Lunzio*, explicando o que as furibundas *feministas* de então fizeram do Pentéio, ao mesmo tempo que a mãe da *vitima*, *Agave*, se mostrava ra-



Alguns interpretes das *Bacantes* antes de principiar a representação saindo dos improvisados camarins

diante, exibindo a cabeça do filho... convencida—ó suprema irrisão!—de que era a cabeça d'um leão por ela heroicamente morto!

Não gosaram, pois, esses espétadores, desprovidos de consciencia estética e de preparação literaria, o que de mais sugestivo e original contem o maravilhoso poema, traduzido impecavelmente para italiano e n'isso todos os criticos concordaram, pelo brilhante escritor *Ettore Romagnoli*.

A evocação historica, muito cuidada, produziu extraordinario efeito. A arrojada empreza quearcou com as difficuldades da organisação de taes espétaculos, não se poupou a esforços nem a despezas para atingir os seus fins eminentemente artisticos,—tanto mais que os espétaculos erim na velha Roma, onde o publico, por tradição e temperamento, é de grandes exigencias e se encontra, em geral, superiormente educado e instruido para as compreender e apreciar.

A circumstancia da representação se realizar ao ar livre, n'um anfiteatro imitando os dos antigos Cesares, vendo-se, ao longe, a servir de cenário, as verdejantes colinas que muram a Cidade Eterna; a coincidência da luz do dia ir amortecendo brandamente, á medida que a tragedia se tornava mais lugubre e sanguinaria; a surpresa d'uma cena baixa e de pouco fundo e d'uma ribalta em linha vertical, como se usava então; os estranhos bailados e movimentos da figuração, um tanto selvagens e descompassados;

e, por ultimo, a musica arcaica que se ouvia durante a recitação penetrava, bem fundo, na alma dos espétadores,—tudo isto provocou no publico enorme anciedade.

As melodias escolhidas para comentar e completar a idealisação do prodigioso autor das *Bacantes*—é opinião de varios eruditos helenistas—não correspondeu ao estilo musical da epoca, mas Romagnoli, no seu livro *Musica e Poesia na antiga Grecia*, sustenta o contrario. Embora taes melo-

dias—ele o confessa— não rivalissem com as do celebre *Timoteo de Mileto*, o Wagner d'aqueles afastados tempos, não prejudicam nem prevertem, contudo, o significado do immortal poema.

Os interpretes, apesar d'estranharem o genero, obtiveram numerosas *chamadas*. N'este ponto, porém, a reconstituição historica falhou, porque no tempo de Euripedes os actores não vinham ao proscenio agradecer as ovações do publico. De resto, o glorioso creador das *Bacantes* nunca foi popular: durante a sua existencia sempre aci-



Agave, mão de Pontes

dentada, foi mais censurado do que aplaudido, agradando só aos novos, aos *fuuristas* d'então, segundo se depreende d'uma passagem das *Nuvens* do Aristofanes.

A influencia que as *Bacantes* exerceram no publico foi enorme, mesmo sobre aquele publico que apenas conhecia Baco... como o *deus do vinho*. o classico borrachão,



e ignorava que as *Bacantes* como realização cênica, são uma função religiosa, ou melhor, uma função litúrgica impregnada dos mistérios trazidos da Ásia e profundamente radicados nos costumes e na mentalidade he-

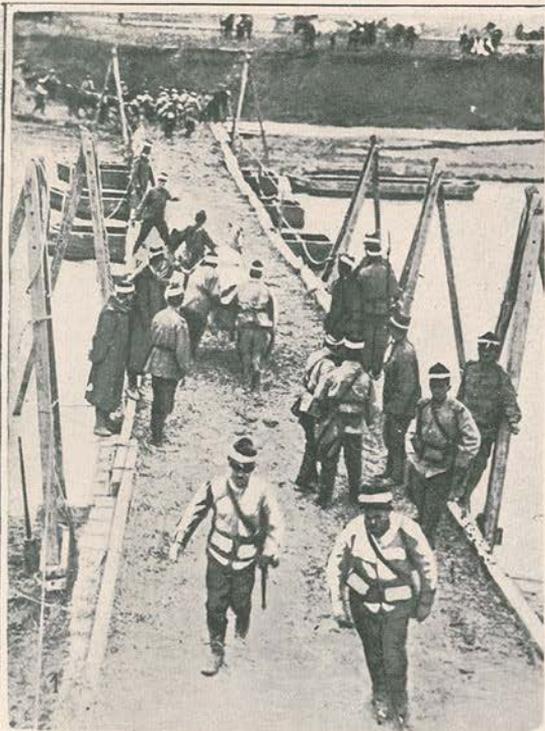


lenica, função que Eurípides, com o seu prodigioso gênio, com a sua arte suprema, dramatizou aquele *gênio* e aquela arte que depois da morte de Shakespeare e de Racine nunca mais apareceu sobre a terra! G.



1. Alguns dos comparsas das *Bacantes* — 2. Nas *Bacantes* Dionísio, a imagem da força e da crueldade, e Penten, seu sobrinho, o inimigo da nova divindade e vítima das feministas d'então — 3. O público no Stadio de Roma, assistindo à representação das *Bacantes* de Eurípides — (Clichê de Ditta Pietro Sbisà, de Roma)

GUERRA DOS BALKANS



Uma das razões que os românicos alegam contra os búlgaros é, além da violação dos tratados, as atrocidades que esse exército habituado a vencer, agora em derrota tem cometido. Isso é a base para o avanço dos sérvios e dos românicos; é a sua defesa atirada à Europa emocionada.

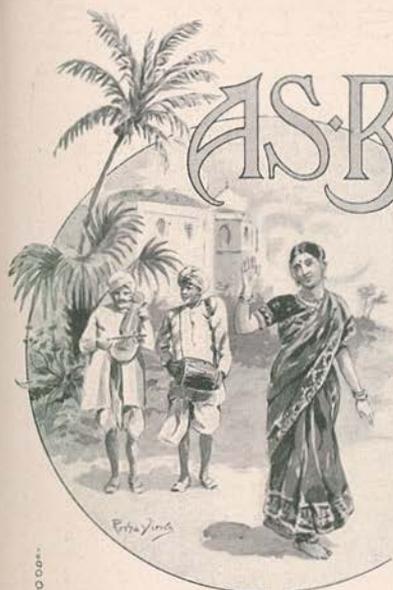
Os búlgaros, acharam a sua atrocidade antiga. Passando em parte do território sérvio deixaram atrás de si a devastação; incendiaram as aldeias, mataram crianças, violentaram mais de cem virgens.

Os turcos ante a modificação que a situação sofreu, foram ocupar as suas antigas terras que os búlgaros se viram obrigados a deixar e que tão pouco tempo souberam conservar, devorados pela ambição, de quem tudo queria e de quem muito vai perder. Sem a sua excessiva ambição, temporizando, a Bulgária teria alargado as suas fronteiras; assim corre o risco de ver o inimigo na sua capital, o sonho que mantivera em relação a Constantinopla.



1. Os soldados românicos construindo uma ponte a fim de facilitarem ao seu exército a penetração na Bulgária
2. Uma ambulância românica a caminho do campo de operações.—(Clichés Archives du Miroir)

AS BAILADEIRAS



A bailadeira é a sacerdotiza hindu. Longe, todavia da vestal romana está essa mulher languida, de olhares de fogo, que parecem espalhar a volupia. Participa do sagrado e do impuro; é a religiosa e a cortezã e como se esse contacto com a divindade a tornasse mais querida, todos os senhores disputam as suas caricias e cobrem os seus corpos esculpturais de pedras preciosas.

No templo trata dos deuses, enche-os de grinaldas de flôres, cuida do seu culto e canta os seus louvores nas procissões; terminada a sua missão é a mulher de luxo e de prazer que evoca a Solomé no fundo do castelo de Herodiade, que é o capricho e é a beleza.

As suas danças teem muito de languidas como as suas vestes são das mais ricas sedas, as joias fulguram nos seus colos,

nos seus braços, nas suas pernas torneadas no templo dançando á luz teem feeria, teem em si como alguma cousa de magico que arrasta e perturba.

Todas elas são ouro e prata no luzir das galas exatamente como as divindades a quem servem; todas elas são ornamentos extranhos e cintilantes. Nas cabeças trazem os «chondracões» e os finos «calianchi pottis», em torno das suas orelhas os cachos d'aljofares brilham nos seus soberebos «bugadios»; trazem tambem rubis e perrolas, pingentes d'ouro e «cadocas» que lhes dão fulgurações aos rostos baços onde os olhos vivem d'um fogo interno e os labios palpitam ao ritmo das canções.

Nos narizes põem o «nothi» ou «vali» com os seus diamantes como gotas de luz e nos pescocoços gracis as mais ricas gargantilhas, os mais belos colares, presentes de fabuloso preço que são caprichos de rajahs apaixonados ou de europeus enfeitados por aquela singular beleza do oriente. São os «tuxis» ou «chinchptotas» cravejados de rubis, esmeraldas e diamantes; são os «golcores» terminados em grossos



Bailadeira de Rajputana.

coraes que lembram gotas de sangue espirrando das suas peles setinosas; são, como as circassianas usam, os afogadores de moedas de ouro. Nos seus esculpturais braços, que se erguem aos movimentos da danza, tilintam as



Os musicos indios.

pulseiras e as rosquilhas preciosas; os seus péritos nús saltitam com o ruído metalico das manilhas que se enroscam acima dos tornozelos mal definidos.

E' assim, coberta de ouro e seda, de pedrarias e de coraes, que a bailadeira serve no templo os seus idolos e no lar o seu amor. No fundo esta mulher tão querida é, como toda a oriental, a escrava sem vontade e sem querer, o animalito de regalo que o homem possui e atrai fóra quando as rugas chegam e quando as graças se esvaem.

Amadas ao som dos instrumentos sagrados que lhe acen-tuam a dança, breve lhes passa a beleza. Os vinte e cinco anos são como um sinal da sua queda porque a formosura começa a fenecer. Mas na mocidade emquanto tange as cordas do «fumará» e do «saran-



Bailadeiras Maratas

gui»; soamos «basó» e os «xingue»; se tocam os metalicos «tále» e «zanze», eguaes aos nossos pratos e nas peles dos «outosó» e do «toblem» se vão matraqueando os passos, nenhuma mulher é como ela adorada.

Quando nos tempos dança á luz, se requebra, se revira diante dos deuses, nenhuma dançarina das operas imperiaes da Europa prende mais os sentidos.

E' ela todo o oriente com os seus perfumes e com a sua magia, com as suas flôres e com a sua graça; com as suas pedrarias e a sua volutuosidade; é ela o ino da preguiça e do amor; da indolencia e da caricia; dos gosos secularmente sonhados pelos

crentes nos paraizos de todas as religiões.

Com a sua voz serena, quasi plangen-



Jovens bailadeiras



Bailadeiras com os seus trajos de gala.

te, com o seu movimento lento de quadris, mexendo mais as mãos do que os pés, a bailadeira tem alguma cousa de divino também n'aquela perturbação dos templos.

Quando é mãe, o seu filho não tem categoria como se os deuses que ela serve a castigasse de amar fóra da religião.

O pequenito nascido da sua carne onde tantas joias refulgem é o paria; é o improdutivo,



Uma gentil bailadeira.

um pégo; uma ancia de ideal e uma vulgar servidão, sonhando que estão com os olhos no céu e os corpos mergulhados no lodo como as flôres de latos, niveas e orientaes.

Diante dos idolos são as sacerdotisas as donas do templo participando n'uma singular dualidade das vestaes romanas que alimentavam o fogo sagrado e das bacantes das saturnaes,



Bailadeiras de Ceylão

Filho de sacerdotiza não tem classe; não trabalha a não ser acompanhando, com os seus instrumentos, como os violões da visinha Hespanha, as danças das mães e das irmãs.

E' pois a vida d'elas um sonho d'oiro e um pesadelo de horrores; uma nivea nuvem e



Musicos e bailadeiras.

sendo assim n'esse oriente de luz e de magia que Camões cantou e Bocage troçou, que um ergueu e o outro cravejou de epigramas de ironias que nem os deuses pouparam e menos as bailadeiras.



Grupo de senhoras que assistiram á inauguração do Club Brasileiro, instalado na Avenida da Liberdade. 1.º plano, ao centro a sr.ª D. Mercedes de Tefé, ministra do Brazil tendo á sua direita madame Belford Ramos, madame Sotto Maior e madame Camara Rodrigues. Á sua esquerda mesdemoiselles Teixeira de Macedo e Rato e madame Macedo Baclar. — 2.º plano, da direita para a esquerda: M. mes Melo Abreu, Rezende da Silva, Serra, Patricio Rodrigues, viscondessa d'Alvelos, M. mes Nogueira Pinto, Fonseca Motta, Pereira Machado, Correia Leite, d'Artagão. — 3.º plano: mesdemoiselles Mota, Rezende Silva, Maria Piniheiro, E. Belmarço, Soto Maior, Carneiro Santos, Rato, Alcídia Machado, Camara Rodrigues, Correia Leite, C. d'Artagão.



Grupo de socios que assistiram á inauguração do Club Brasileiro
Da direita para a esquerda, 1.º plano srs. Alberto de Melo Abreu, Antonio Ferreira Bacelar, Manuel José Cardoso, dr. Oscar de Tefé, ministro do Brazil, dr. Arlindo Correia Leite, Joaquim Vitorino d'Oliveira e João Pereira Machado. — 2.º plano, srs. Diogo de Macedo, Henrique de Holanda, dr. Mario de Belford Ramos, secretario da legação; José Nogueira Pinto, dr. Anibal Veloso Rebelo, secretario da legação; José Antonio J. Santos, dr. Artur Teixeira de Macedo, consul geral do Brazil; Mario de Artagão e sr. Quizros. — 3.º plano srs. Hugo Belmarço, Alfredo Serra, menino Santos, Visconde de Alvelos, Joaquim Souto Maior, Antonio Mota, dr. Rezendo da Silva e Paulo d'Artagão.



AVISITA DO PRESIDENTE DA REPUBLICA Á EXPOSIÇÃO DE LAVORES DA ESCOLA NORMAL: O chefe do Estado felicitando a aluna Gabriela Pinto. Por detrás do sr. dr. Manuel d'Arriaga o novo ministro da instrução publica sr. dr. Souza Junior—(Cliché de Benolite)

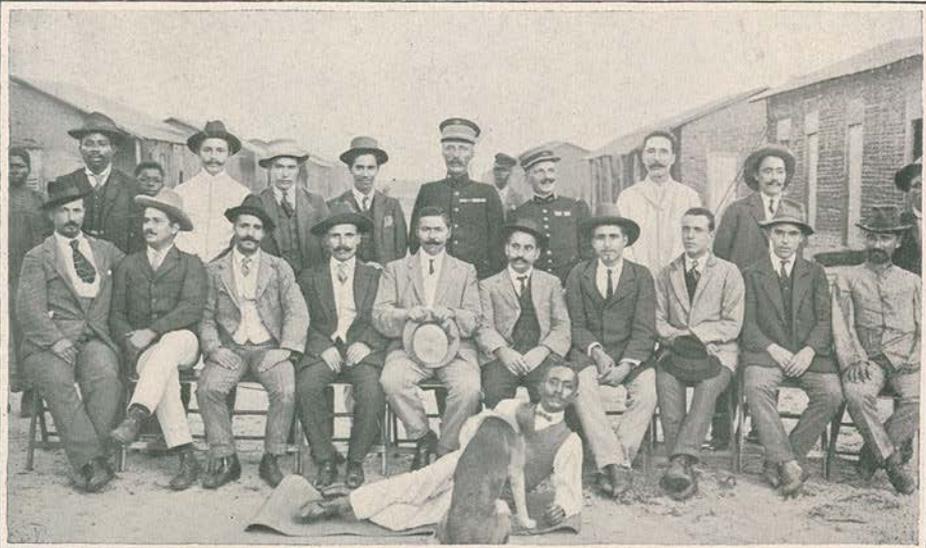
Na Lunda



As relações entre os belgas e portugueses em África são de dia a dia melhores e já por mais d'uma vez nas fronteiras se tem encontrado em banquetes de confraternização, assim como de lado a lado se tem feito visitas cerimoniaes que aca-

bam sempre no estreitamento, cada vez maior, da ligação dos dois paizes que ali tem interesses colossaes a defender.

Tanto os belgas como os portugueses tem olhado com cuidados sem par pelas suas terras respectivas, fomentado o seu



1. Uma ponte sobre o rio Lubale. Sobre a ponte estão os cidadãos: Antonio Benoliel, José Bernardo, Lourenço Mendes, Gaspar Fragata, Anibal Gomes Pinto e Eugenio d'Araujo.
2. Um grupo dos comerciantes do Cuilo, na ocasião da chegada do commissario belga.



desenvolvimento, trabalhado pela sua grandeza e tem muito conseguido do indígena hoje familiarizado, submetido e com regalias largas que



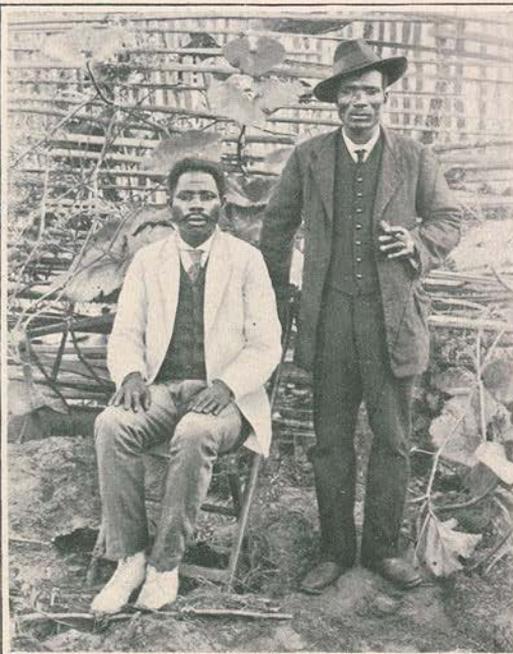
lhe torna facil a existencia em regiões onde se labuta são progressivamente desde ha anos e onde ha ainda muito a realisar. São unanimes



1. Uma ponte sobre o rio Luita. Este melhoramento deve-se á atividade e iniciativa do sr. J. Dias de Carvalho, capitão mór do Cuito — 2. Um grupo dos comerciantes do Quival n'um domingo — 3. Depois d'um almoço no Quingongo: atirando aos patos.

em declarar os comerciantes portugueses que fazem contacto com os belgas e com eles fazem as suas importantes transações como são admiráveis nos seus negócios, como mantem uma grande linha de camaradagem o que gera também ligações de região para região.

Não são apenas — como se poderá imaginar — as autoridades que fazem as suas visitas de cumprimentos e primam em fraternisar; hoje são também os donos das casas



comerciaes, industriaes e agricultores, que estabelecendo relações entre si, muito servem os respectivos paizes tratando ao mesmo tempo dos seus grandes interesses.

As ultimas festividades, em que tomaram parte o residente belga e o nosso, reuniram também elementos do commercio n'aquellas paragens onde o trabalho portuguez já muito tem conquistado.

Dois ambaquistas em trajos domingueiros. Estes negros são muito trabalhadores, mas não toem seriedade nos seus negocios.



Um almoço no Cuilo oferecido pelo commissario belga mr. Sorensauth ao capitão mór portuguez.—Cliché do distinto amador sr. Antonio Lopes Tavares que obsequiosamente os enviou á «Ilustração Portuguesa»



O sr. José Motta vencedor no torneio de tiro aos pombos

O tiro aos pombos em Castelo Branco: A mesa do júri

D'uma maneira notavel se tem desenvolvido os sports por todo o paiz que cultivava alguns dos mais notaveis do estrangeiro existindo já campeões afamados nas suas varias manifestações.

Ultimamente realisou-se um torneio de tiro aos pombos em Castelo Branco no



Uma parte da assistencia ao tiro aos pombos

destre de 20 kilometros, cujo resultado foi brilhantissimo.

A classificação foi a seguinte:

1.º Grimaldo Fernandes em 1,35'; 2.º Francisco Pinto em 1,44'; 3.º Caeiro em 1,50'; 4.º Bernardino Caldeira em 1,35'



Corridas pedestres em Evora: A passagem na praça do Geraldo,

qual se distinguiram excellentes atiradores tendo ganho o 1.º premio o sr. José Mota que foi muito festejado.



Pelo Club Sport dos Empregados do Comercio d'Evora, foi organisaada uma prova pe-



Os concorrentes prontos para a partida

Festa hipica no Porto



1. Um aspecto da assistencia
 (Cliche Alvaro Martins)



Raquel Pimentel e Felicidade de Oliveira, que colheram fartos aplausos da assistencia.

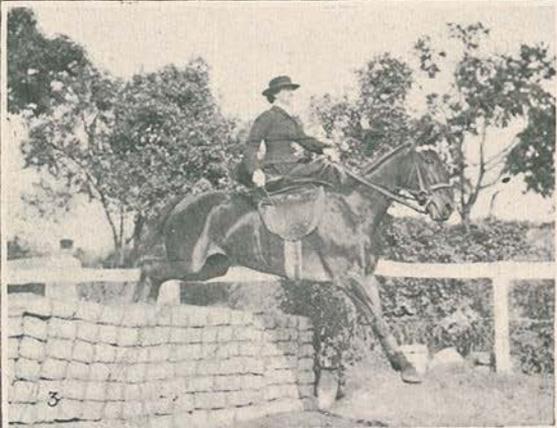
Os intervalos preencheu-os o capitão Margaride, fazendo alguns saltos magnificos no seu cavallo «Morgado», em que tambem montou mademoiselle Raquel d'Oliveira.

Colaboraram ainda, na festa, com muito brilho, os alunos do Colegio da Boa Vista e as discipulas do professor Antonio Duarte.

2. Salto do muro pela distinta amazona D. Raquel Pimentel — 3. Salto do muro pela gentil amazona Miss Jenings — (Cliche do sr. João d'Almeida)

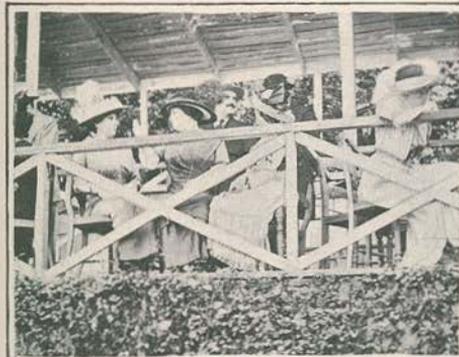
No campo de obstaculos de Bessa, propriedade do Centro Hipico do Porto, realisou, um dos ultimos domingos, o apreciado professor de equitação, sr. Antonio Duarte, uma bela festa hipica, que atraiu ao local numerosa e distinta concorrencia.

Houve saltos de obstaculos, jogo da rosa e jogo da lanca, tomando parte no belo espetaculo tres distintas amazonas, miss Jenings e mesdemoiselles





O jogo, da rosa—(Clichê do sr. Alvaro Martins)



Outro trecho da assistencia

No bufete—(Clichês do sr. João d'Almeida)



A amazona miss Jennings—(Clichê do sr. Alvaro Martins)



O sr. Simão da Costa Guimarães, distinto comandante dos Bombeiros Voluntarios de Guimarães. Tem o grau de oficial da Ordem da Torre e Espada pelos altos serviços prestados à Humanidade, principalmente nos incendios em 1906 e 1907.

A casa onde se manifestou o incendio e que ficou completamente destruida.



Sr. Antonio Gomes Alves, vítima do desmoronamento do prédio onde houve o incendio.



Um aspecto do funeral das vítimas do incendio

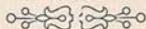
Depois dos grandes incendios da Lito-graphia Nacional do Porto, e do entreposto de Santos em Lisboa, dos numerosos e successivos fogos em eiras por todo o paiz, veio o incendio de Guimarães trazer mais uma nota dolorosa para esta serie de catastrofes terribes.

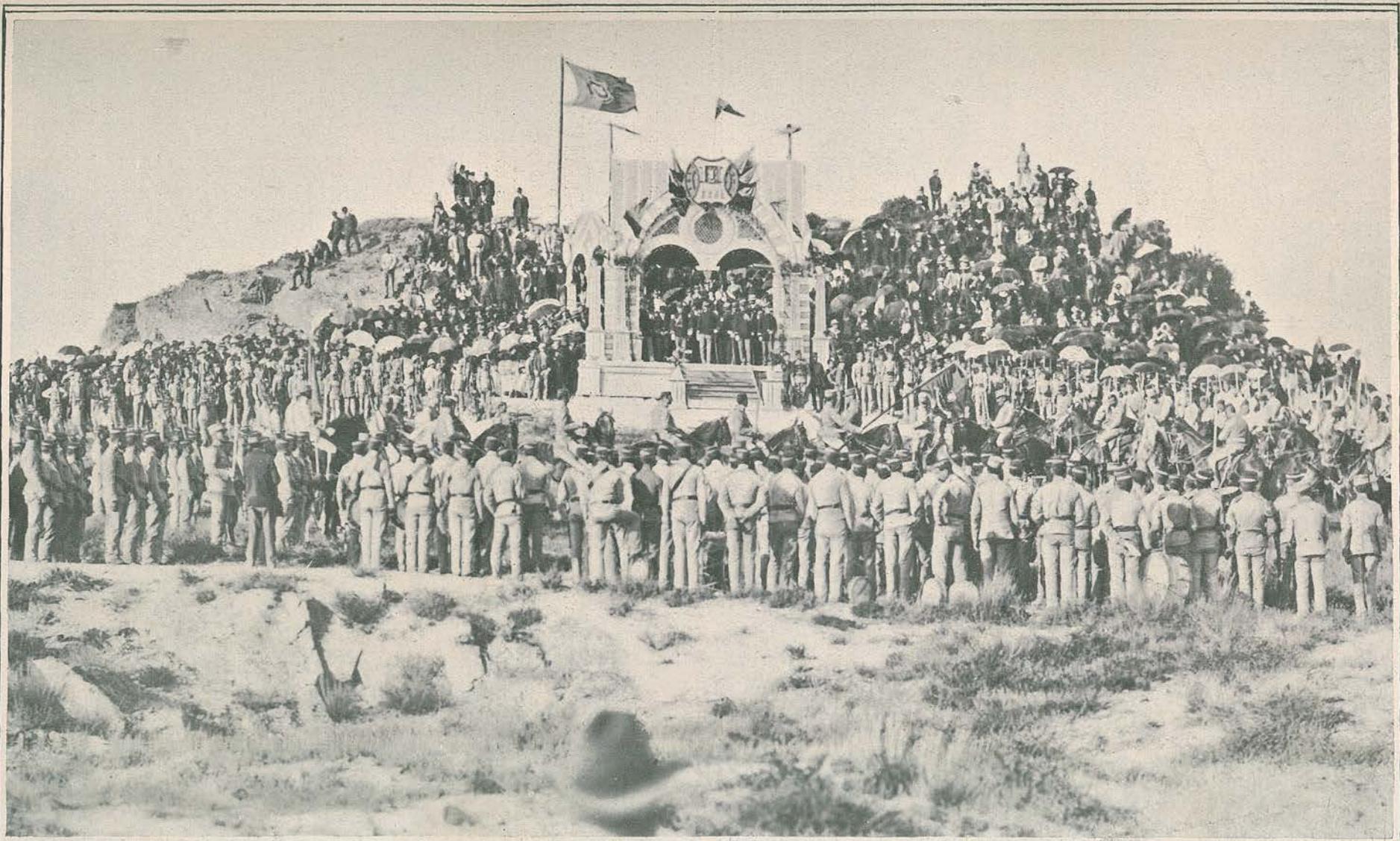
N'um prédio da rua de Santa Maria re-bentou o fogo que, em poucos minutos, devorou as paredes enquanto as familias que ali viviam fugiam espavoridas em roupas brancas n'esse começo da madrugada. Uma casa contigua desmoronou-se e logo o fogo pegou no belo palacete Pombeiro que corajosamente os bombeiros voluntarios da cidade conseguiram salvar.

No meio d'aquelle terrivel acontecimen-to houve dedicações sem par, como por exemplo as do bombeiro Miguel José Peixoto e do filho do secretario da Camara sr. Gomes Alves que foram vítimas d'uma derrocada, tendo ficado ainda mais quinze pessoas feridas.

A catastrophe causou uma enorme impressão e o povo de Guimarães bem demonstrou o seu profundo sentimento na homenagem prestada aos mortos cujos feretros milhares de pessoas acompanharam.

Durante muito tempo perdurará a recordação tragica d'este incendio que enlutou a bela cidade tão pitoresca e tão laboriosa





EM CHAVES. A FESTA COMEMORATIVA DO COMBATE DE 8 DE JULHO NO QUAL FOI DESTROÇADA A COLUNA DOS REALISTAS COMANDADA POR GOUCEIRO: O juramento dos recrutas. As tropas na frente da tribuna, em que estava o sr. ministro da guerra junto ao espaldão da carreira do tiro

A Canhoneira Norueguesa Frithjof no Porto



A canhoneira norueguesa *Frithjof* no rio Douro.

Durante cinco dias teve a cidade do Porto a honra de contar entre os seus hospedes a officialidade d'este navio-escola, que em viagem de instrução dos futuros officiaes, tem visitado diferentes portos da Europa. A recepção feita n'esta hospitaleira e fidalga cidade aos illustres marinheiros da armada Norueguesa, foi carinhosa e impressiva, levando todos eles, sem exceção de categorias, as mais gratas e inolvidaveis recordações dos portuenses, pois todos primaram em lhes tornar agradavel a sua curta demora n'este porto.

O digno consul d'aquella nação, o sr. Klaus St.

Jervell, prodigalisou aos seus compatriotas as mais requintadas atenções, que os cativou em extremo.

Proporcionou-lhes diversões e passeios que muito os impressionou especialmente o *lunch* oferecido no dia da chegada no palacio de Cristal, esse jardim encantador que faz honra ao Porto, e que aquelles marinheiros muito apreciaram, reinando sempre no decorrer do referido *lunch* a mais entusiastica animação.

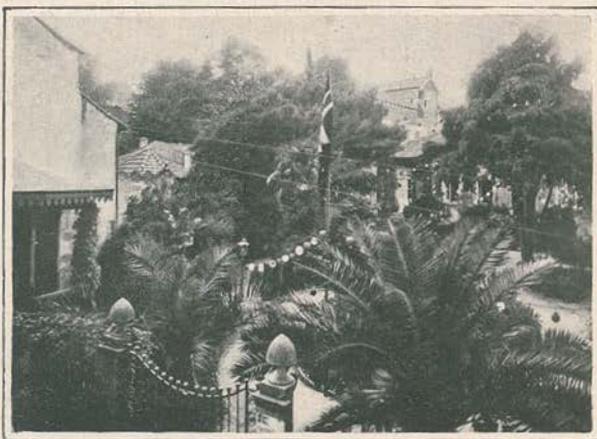
Foi este *lunch*

o inicio de varias diversões e festas que se seguiram, especializando entre ellas o passeio, em automoveis, ao Alto Minho, jantar de gala na casa particular do digno Consul, a que assistiram membros da colonia norueguesa e amigos particulares do sr. Jervell, seguido de baile e iluminações nos jardins da residencia, não faltando o concurso de gentis damas, que deram ao festival todo o realce.

A secundar as atenções d'este funcionario consular accorreram as Empresas dos jardins de Passos Manuel e Trindade, que bizarramente ofereceram festas em honra da respectiva officialidade que a elas

concorreu, acompanhada pelos atenciosos empregados do Consulado, e nas quaes reinou sempre entusiasmo, saudando-se efusivamente as nações norueguesa e portugueza, saudações estas que foram deliramente secundadas pela numerosa e seleta assistencia.

O capitão da canhoneira, o distinto official sr. Jak von der Lippe, patenteou a todos aquelles com quem teve ensejo de conversar a sua satisfação e contentamento



Jardins da residencia particular do consul da Noruega



Salão da residência particular do consul.

pela fôrma verdadeiramente bizarra e cavalheiresca como fôra recebido e a sua marinagem n'esta nobre cidade.

Alguns dos officiaes ouvimos nós dizer que, tendo tocado em diferentes portos e recebendo na maior parte d'eles atenções varias, jámais tinham tido

uma recção tão entusiastica como n'esta cidade, o que deveras nos orgulha como portuenses e nos é grato como patriotas.

A canhoneira saiu no dia 3 de julho, com destino ao porto de Dublin, seguindo depois a sua derrota para outros portos, regressando á Noruega.

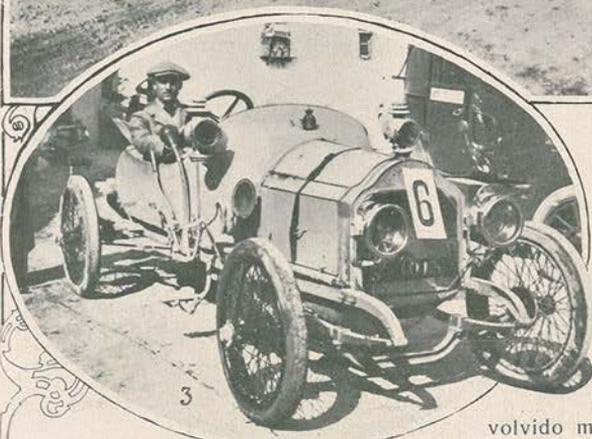
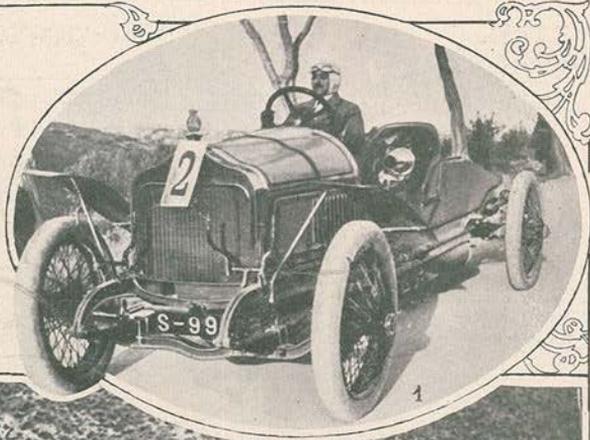


Sala onde se efetuou o jantar de gala á officialidade da canhoneira.—(Clichés Bical—Porto)

A CORRIDA DE AUTOMOVEIS NA PIMENTEIRA

As corridas de automoveis na estrada da Pimenteira, do ponto da Cruz das Oliveiras até proximo da Buraca, tiveram uma grande concorrência.

Dos doze carros inscritos só oito correram cabendo o primeiro premio ao carro do sr. João Dotti guiado pelo proprio dono e que era um Minerva.



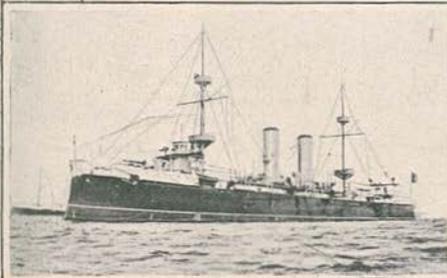
1. O automovel do sr. João Dotti, que ganhou o primeiro premio.—2. Um aspecto da corrida, na volta da antiga estrada da circunvalação.

A segunda classificação foi para o Peugeot do sr. José Augusto dos Santos, seguindo-se-lhe os automoveis das marcas Rochigude e Vermorel.

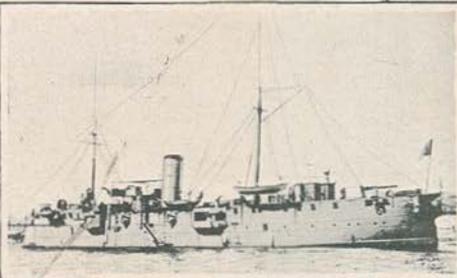
Estas provas são d'uma grande vantagem e demonstram como se vae seguindo apaixonadamente o genero do sport que se tem desenvolvido muitissimo no nosso paiz onde as "garages" se multiplicam com luxuosas instalações.

3. O automovel do sr. José Augusto dos Santos que recebeu o segundo premio.—(Clichés de Benoliel).

Divisão naval portugueza



Cruzador *Almirante Reis*



Cruzador *S. Gabriel*



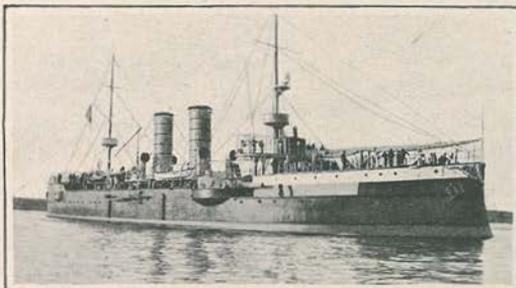
A divisão naval composta pelos cruzadores *Almirante Reis*, *Vasco da Gama* e *S. Gabriel* saiu a barra em 20 de julho sob o comando do contra almirante Marques da Costa tendo ido fazer as suas primeiras evoluções na baía de Cascaes.

O chefe da divisão, os coman-

dantes das unidades, e o respetivo estado maior estiveram no palacio de Belem a despedir-se do presidente da Republica.

dantes das unidades, e o respetivo estado maior estiveram no palacio de Belem a despedir-se do presidente da Republica.

Da esquadra faz tambem parte o «destroyer» *Douro*, que sairá dias depois para se juntar aos outros navios.



Couraçado *Vasco da Gama*

Figuras e Factos



O conde de Monsaraz que acaba de falecer era um dos mais illustres poetas portugueses cujo talento foi afirmado em brilhantes composições entre as quaes se



destaca o seu bello livro «Musas Alemejana» soberbo de evocação e de amor á terra cantada por um grande sentimental.



1. Major sr. José Joaquim Pereira recentemente falecido.—2. O illustre poeta conde de Monsaraz que faleceu em Lisboa a 17 de julho.—3. Sr. João da Rosa Garoupa, 1.º tenente do quadro-auxiliar da armada falecido em Lisboa.



Aspéto do jantar do grupo dos «Os Torcidos d'Alcantara», realizado em Cabo Ruivo.



«Pic-nic» realizado na Fadegosa de Marvão, estancia termal do sr. Manuel Viegas Facada.

1.º plano da esquerda para a direita: sr.ª D. Maria de Jesus Catarino, D. Elvira dos Santos Figueira, sr. José A. Continho, D. Maria J. Tavares, sr. Jaime Leal Pinto e Cerqueira, D. Gertrudes Calado Rodrigues, menina Maria Contreiras, D. Ester Catarino, D. Rita Rodrigues.—2.º plano: sr. Augusto de Músquita, João Calado Rodrigues, L. Sequeira Catarino, D. Maria Pequito Serrão, sr. Antonio Salgueiro, D. Sara Dias, D. Berta dos Santos Figueira, D. Maria Cerqueira, D. Eugénia Rodrigues.—3.º plano: sr. Alice Tavares, sr.ª D. Lucinda Tavares, D. Balbina Calado Rodrigues, D. Maria V. Tavares.—De pé: Os meninos Mario e Americo Catarino.—A' esquerda montado no burro o sr. Joaquim Figueira.—«Chiclé» do sr. Eurico Catarino



1. Sr.ª D. Maria Alexandrina Branquinho Amaral Pereira, esposa do sr. Antonio Amaral Pereira, juiz de direito da Comarca de Paços de Ferreira, falecida recentemente.

2. O decano dos notários portugueses sr. dr. Silveira da Mota, falecido em Lisboa.

3. O sr. Salvador Contarini, novo ministro da Italia em Lisboa, no dia da entrega das suas credenciaes ao chefe do Estado no palacio de Belem.

4. Reverendo padre Antonio Jacinto da Cunha, falecido em Evora.

5. Sr. José Coelho, proprietario, falecido em Evoramonte.



A tuna louléteana, cujo regente, sr. Antonio Pires, tem sido incansavel para lhe dar um lugar de destaque entre

as suas congéneres, e que brevemente fará uma excursão a Hespanha.
(Clichê do photographo sr. Silva Nogueira, curião pelo sr. José Firmino F. Filho)

Da direita para a esquerda. 1.º plano: srs. Maximo da Conceição, Avelino Gonçalves, Carlos Viegas, Manuel Martins Parajota, Gaspar Faria Martins, Domingos Gomes Morgado, Francisco Garcia Rodrigues.—2.º plano: srs. Jeronimo d'Almeida Estrela, Artur Quintino, Mannel José Joaquim Barreiros, Joaquim Antonio Pires (regente da Tuna), Salvador da Piedade, Anibal Candido, Francisco Rodrigues, José Lopes Viegas Pinto e Joaquim Pedro Raimundo (rabecão).—3.º plano de pé: srs. Se-

bastião Martins Seruca, José da Piedade Caracól, Francisco Martins Seruca, Manuel Martins Baginho, Francisco Rodrigues, José Pedro Romeiras, Avilio Simão da Silva Cordeiro.—3.º plano de pé: srs. Manuel Fernandes Duarte, José Firmino de Freitas Filho, José da Silva Maltezinho, Rodolfo José Silva (porta-estandarte), Antonio Luz dos Ramos Junior, Manuel Gaspar Patrocínio, Sebastião Silvestre Alves Guerreiro, José Cabrita.

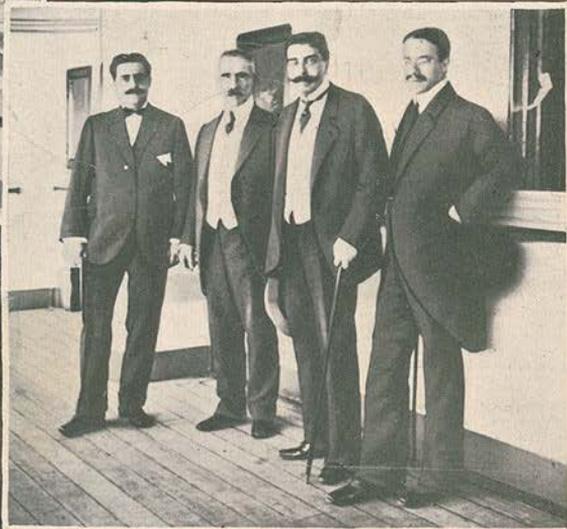


1. O coronel suizo sr. Eduardo Secretan, diretor da *Gazeta de Lauzanne* que tem defendido a Republica Portuguesa, recebendo a bordo do *Sierra Nevada* os cumprimentos do sr. Santos Tavares, representante do ministro dos estrangeiros.

Entre os amigos que Portugal conta no estrangeiro está o diretor da «Gazette de Lauzanne», o coronel sr. Eduardo Secretan que desde o começo do novo regimen o tem desinteressadamente defendido de todos os ataques, mostrado as suas prosperidades e o nosso

do chefe do governo e do ministro dos estrangeiros.

A Amadora tem-se desenvolvido com uma rapidez extranha constituindo hoje uma das mais lindas povoações de Portugal sendo das que maior importancia teem alcançado. D'um velho burgo fez-se mais uma pequena cidade com todas as comodidades, com luxuosas vivendas e até mesmo com javenidas e com um



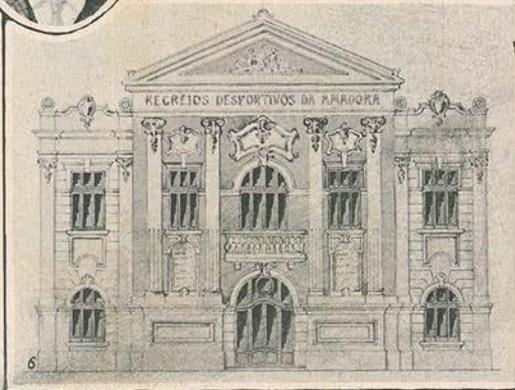
3. Sr. Antonio Rodrigues Correia—4. Sr. José dos Santos Matos—5. José Augusto Rauband iniciadores do teatro da Amadora

avanco para o progresso economico, nas mais levantadas campanhas feitas de simpatia e de espontaneidade.

O ilustre jornalista suizo passou no nosso porto a bordo do «Sierra Nevada» com destino á Madeira onde estevve algum tempo e onde foi recebido com todas as honras devidas á sua posição e á sua obra em defeza da Republica Portuguesa.

Durante as poucas horas que o paquete esteve fundeado no Tejo recebeu o coronel Secretan varias pessoas que o foram cumprimentar e entre ellas os representantes

parque no bairro da Mina ha pouco iniciado. Agora, devido aos socios da firma comercial Santos Matos vae-se construir um salão teatro, que completará os Recreios Desportivos, por ela tambem financiados com resultados otimos e com vantagens para a localidade.



2. O diretor da *Gazette de Lauzanne* com os srs. Augusto de Vasconcelos e os representantes do presidente do conselho e ministro dos estrangeiros.—6. Projeto do novo Salão Teatro da Amadora.—Clichés de Benoit!

ESCREVA-ME HOJE MESMO

As demoras são perigosas e o tempo inexorável. Não espera por ninguém!... N'este assumpto, de si tão grave, ninguém deve dormir.

HOJE, AGORA MESMO, É O MOMENTO OPPORTUNO

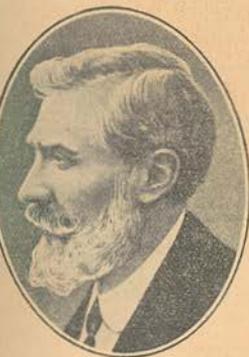
Amanhã, será já tarde talvez, a doença é como um mal canceroso, que pouco a pouco se vae desenvolvendo.

EU AJUDAREI A V. S.^A PARA QUE SE CURE

Seja qual fôr a causa da doença de uma pessoa, nunca ella deve desprezal-a, porque isso pôde prejudicar o seu futuro. Não retarde a sua cura.

NÃO PEÇO DINHEIRO

O meu tratamento é um segredo, propriedade minha, que experimentei por varias formas, durante um numero consideravel de anos. Não quiz annunciar-o nunca, antes de saber se seria o que eu proprio desejava que elle fôsse, e mesmo assim só chamava a attenção de todos os doentes. Deu isto em resultado que, tendo-se curado, esses doentes contaram aos seus amigos e conhecidos as maravilhas d'este grande tratamento, que assim poude dar alivio a milhares de pessoas sem a menor publicidade. Muito embora eu não ambicionasse nenhuma celebridade,



vim a saber que o meu nome se havia tornado conhecido por toda a parte, a perguntar-me porque razão não havia annuciado o meu tratamento. Com este objectivo a todos os doentes que o solicitem lhes remeterei um livro do meu tratamento, com as suas correspondentes instruções, e o diagnostico, completamente gratis, bastante explicitas para que possam curar-se nas suas casas.

A sr.^a Dominga de Lacamara, de Vila Santa, Mexico, diz: «Meu estimado senhor: Com o maior prazer lhe remeto este testemunho: Eu sofri durante muitos anos e tinha tal complicação que trataram-me muitos medicos da Europa e America não podendo ter nunca jámais pelo menos um alivio transitorio. Tinha uma grande constipação, paralisia no braço esquerdo, soffria enjões, um mau estar geral, grande abatimento nervoso e asma; sentindo por conseguinte as suas fataes consequências taes como relaxação estomacal, asfixia e fadiga, tendo que fazer uso de repulsvios, não podendo quasi dormir de noite.

«O seu tratamento n'uma só semana proporcionou-me mais alivio que nenhuma das cousas que antes havia usado, e sinto-me agora outra mulher, todas as minhas doenças anteriormente ditas desapareceram por inteiro em dois meses de tratamento, e ainda tomei um terceiro tra-

tamento e fiquei completamente livre de doenças tão terribes.

«Queira aceitar a minha gratidão pelo que fez por mim. Seu tratamento merece mais elogios dos que a minha pobre pena seja capaz de produzir, não obstante V. S. pode usar d'esta carta, que considerará sincera, na fórma que quizer. Ao mesmo tempo estou disposta a responder a todas as communicções que me sejam dirigidas, interrogando-me a respeito do seu tratamento». Os casos mais difficeis que fôram declarados incuraveis pelos medicos, fôram curados por meu tratamento combinado, o que é a melhor prova da efficacia do meu. Meu tratamento não se opõe a nenhuma classe de tratamento que V. S. use n'estes instantes. Meus enfermos foram tratados por outros tratamentos sem obter alivio e foram salvados d'uma morte segura por o tratamento meu.

Eu durante mais de trinta anos explorei os efeitos de infinidade de medicinas estrativas; fiz estudos scientificos dos melhores metodos e medicinas de curar as doenças das pessoas, obtive um maior conhecimento que todos os meus predecessores, meus acertos obedecem a um claro conhecimento da medicina e pelos estudos que fiz com professores mais notaveis de Londres, Berlim e Paris. A grande quantidade de certificados que possuo os quaes lhe remeterei com meu livro, diagnostico, e as instruções, de meus agradecidos é uma prova mais dos meus surpreendentes conhecimentos.

A minha direção é: Dr. A. P. Trillo, Correspondencia Especial, 47, Rue des Mathurins, Paris, France.

Mais uma vez torno a repetir que não cobro nada, de modo que escreva hoje mesmo, seja que haja contraído a enfermidade recentemente ou haja soffrido a mesma durante muitos anos, seja Emorroida, Reumatismo, Fígado, Cancer, Utero, Ouvidos, Nevralgia, Tumores, Ossos, Rins, Manchas no corpo, Estomago, Garganta, Paralisia, Epilepsia, Astma, Esterismo, Anemia, Bronchite, Tuberculose, Coração, Impotencia, ou outras.

Meu tratamento domina todas as situações, é uma ciencia exata. Uma ciencia exata deve obrar sempre de a mesma maneira em todos os casos.

Se V. S. deseja aproveitar-se do magnifico oferecimento do doutor Trillo, obter um tratamento e curar sua enfermidade, remeta a formula e manifestando claramente a sua enfermidade, antes que o mal se agrave.

Este obsequio o faço a cinco mil pessoas, escreva-me hoje, não deixe para amanhã, porque não remeterei mais tão prompto que haja feito este presente.

Recorte e remeta esta formula dentro de um envelope bem franqueado e será atendido.

FORMULA

Nome e sobrenome

Rua N.º Cidade

Doença

Onde viu este anuncio? Data

Dr. A. P. TRILLO, Correspondencia Especial,
47, Rue des Mathurins, Paris, France.

Gold-Crème Albert Simon

Com sello VITERI. O mais perfeito artigo de toilette, branqueia, perfuma e amacia a pelle. Tira os cravos, pontos negros, borbulhas, cieiro, panno, vermelhidão, etc.

Pote 800 réis. Meio Pote 600 réis. Para fóra acrescém os portes.

FEITOS AO DEPOSITO:

VICENTE RIBEIRO & C.^a — 84, Rua dos Fanqueiros, 1.^o — LISBOA



LANCE A SUA FUNDA AO FOGO

Milhares de pessoas são curadas completamente e abandonam as suas Fundas

Todas as importantes descobertas em communição com a Arte de Curar não são feitas por pessoas místicas. Existem excepções e uma d'ellas é verdadeiramente a maravilhosa descoberta feita por um intelligente e habil velho, William Rice. Depois de ter soffrido durante bastantes annos, de uma hernia dupla, a qual todos os medicos declaravam ser incuravel, declinou se dedicar toda a sua energia em tratar de descobrir uma cura para o seu caso. Depois de ter feito toda a especie de investigação vetu por casualidade deparar com o que precisamente procurava e não só pôde curar-se a si proprio completamente, assim como a sua descoberta foi provada em todas as classes de hernias com o maior resultado, pois ficaram todas absolutamente curadas. Talvez que V. S.^a já tenha lido nos jornaes algum artigo acerca d'esta maravilhosa cura. Que V. S.^a tenha já



Cure V. S.^a a sua hernia e lance a sua Funda ao fogo

lido ou não, é o mesmo, mas em todo caso, certamente que se alegrará de saber que o descobridor d'esta cura offerece-se enviar gratuitamente a todo o paciente que soffra de Hernia, detalhes completos acerca d'esta maravilhosa descoberta, para que se possam curar como elle e centenaes de outros o tem sido.

A Natureza d'esta maravilhosa cura effectua-se sem dor e sem o menor inconveniente. As occupações ordinarias da vida seguem-se perfeitamente enquanto que o Tratamento actua e CURA completamente—não dá simplesmente alivio—de modo que as fundas não se tornam necessarias, o risco de uma operação cirurgica desaparece por completo e a parte afflicta chega a ficar tão forte e tão sa como antes.

Tudo está já regulado para que a todos os leitores d'este jornal, que soffram de hernias, lhe sejam enviados detalhes completos acerca d'esta descoberta sem equal, que se remette sem despesa alguma e confia-se que todos que d'ella necessitem se aproveitarão d'esta generosa offerta. É sufficiente encher o coupon in cluso e enviar-lo pelo correio á direcção indicada.

COUPON PARA PROVA GRATUITA

WILLIAM RICE (S. 94), 8 & 9, Stonecutter Street, Londres, E. C., INGLATERRA.

Nome _____

Endereço _____

Trabalhos tipograficos em todos os generos

OFICINAS DA

"ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA"
R. do Seculo, 43

JOAQUIM NEVES

C. do Combro, 93, loja — PORTUGAL-LISBOA

Troca postaes illustrados com vistas de cidades e villas de Portugal com qualquer pessoa por v. stas de Lisboa

O Seculo Agricola

SEMANARIO ILUSTRADO de ensino pratico de agricultura, jardinagem, creação de animaes, etc.

Preço 20 rs. cada numero

Resposta a consultas; prestação de serviços tecnicos: analyses e informações.

Por assinatura, trimestre 250 réis

A mais barata publicação do genero

AGENCIAS NO BRAZIL

— DA —

Nutricia de Lisboa

Esta empresa acaba de ultimar negociações para o estabelecimento de agencias de venda dos seus productos nas seguintes cidades:

Agencia do Sul—Rio de Janeiro, Santos e S. Paulo. Agente Sr. A. NUNES DE SA, Rua dos Ourives, 105, sobrado. Rio de Janeiro.

Agencia do Norte—Pará e Manaus. Agente Sr. CAMILLO VELHOTE. Desde já pôdem ser feitos pedidos nas respectivas agencias.

Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.

BAUME BENGUÉ
CURA TOTALMENTE
RHÉUMATISMO-GOTA
NEURALGIAS

Venda em todas as Pharmacias



Seda
Suissa
franco
de porte a domicilio.
E' o mais novo sistema em sedas para Vestidos e blusas bem como em veludos e pafes. Peça nas nossas amostras franco.
Schweizer e Ca., Lucerne E 12
(Suissa)

pedras para acendedores
e METAL AUËR legitimo

COM PATENTES DE INVENÇÃO
MELHORES E QUE MAIS CHISPAS FAZEM
Grande sortido de acendedores e isqueiros
ULTIMA NOVIDADE

Acendedor TREIACH
avala a 60:000 phospho
de eterna duração
e mecanismo. Nunca
falha de pedras. Não fa-
lta. Mandando-se a amostra
do correio desde que
envie a importância
de 3 pesetas, ou 600 reis.



Dirigir toda a correspondência a
EUGENIO LAMPARTER, Sevilha, S.^{ta} Anna, 9
HISPANIA (Unico representante)

Perfumaria Balsemão

DA DOS RETROZEIROS, 141
Telephone 2777 LISBOA

ULTIMA INVENÇÃO NORTE-AMERICANA
LUZ A GAZOLINA



Magard



UNICA QUE ACENDE COM UM FOSFORO COMO O GAZ E TENHO UM PODER LUMINANTE DE 500 VELAS. APENAS CONSUME UM LITRO DE GAZOLINA EM 24 HORAS. PEDIR INFORMAÇÕES A PARAIZO, PE-REIRA & C.ª - COIMBRA
Dão-se representantes em todos os concelhos

= Para que viver?

triste, mis-ravel, preocupado, sem amor sem alegrias, sem felicidade quando é tão facil obter FORTUNA, SAUDE, SORTE, AMOR CORRESPONDIDO, GANHAR AOS JOGOS E LOTERIAS, pedindo a curiosa brochura GRATIS do professor YALLO, 35, BOULEVARD BONNE NOUVELLE - PARIS.

SELOS

Remetem-se bons selos para tro-
co a quem envie bons selos á

Ferdinand Basse
FUERTH (Baviera)

BRITO DAS CARTEIRAS

0,1913
VINTE MIL
Carteiras
na fabrica
do Brito, fundada
em 1888
LISBOA

0,1913
VINTE MIL
Carteiras
na fabrica
do Brito, fundada
em 1888
LISBOA

Travessa de Santo Antão, 1.º - LISBOA

Vendas por grosso e a retalho

Pneu GOODRICH

E' O PREFERIDO PELO

VERDADEIRO SPORTSMAN

Todos os
automobilistas que
tem experimentado

PNEU GOODRICH

não querem
mais outra marca porque a sua

QUALIDADE

justifica a sua divisa

SUPERIOR

ao

MELHOR

À VENDA:

GASTANHEIRA, LIMA & RUGERONI L.^{da}, Rocio—LISBOA.
LAURENCEL & OLIVEIRA, Rua Andrade Corvo—
—LISBOA.

MAGALHÃES & MONIZ L.^{da}, L. dos Loios, 11—PORTO.
ZENHA & C.—BRAGA.

JOSE MARIA DIONIZIO JUNIOR—VIZEU.
AUTO GARAGE GOUVEENSE—GOUVEIA.
AUTO GARAGE—COVILHÃ.
JOAQUIM MANUEL PICA O FERNANDES—ELVAS.
SIMÕES & FLORIVAL—EVORA.

AGENCIA GERAL DOS PNEUS GOODRICH, Largo de S. Carlos, 5 e 6—LISBOA